

ENTREVISTA

ENTREVISTA

INTERVIEW

ENTREVISTA: LA VIDA EN EL PLANETA,
LAS DEMOCRACIAS Y LOS LAZOS
SOCIALES EN CUESTIÓN.
EL PSICOANÁLISIS ANTE LA CRISIS
CIVILIZATORIA.

ENTREVISTA: A VIDA NO PLANETA,
AS DEMOCRACIAS E OS VÍNCULOS
SOCIAIS EM QUESTÃO.
A PSICANÁLISE PERANTE A CRISE
DA CIVILIZAÇÃO.

INTERVIEW: LIFE ON THE PLANET,
DEMOCRACIES AND THE SOCIAL
TIES IN QUESTION.
PSYCHOANALYSIS IN THE FACE OF THE
CIVILIZATIONAL CRISIS.

Marcela Ramírez
Presidenta de FLAPPSIP
Sociedad Chilena de Psicoanálisis
Correo electrónico: marcela.ramirez955@gmail.com
ORCID: 0009-0001-6914-5844

Para citar este artículo / Para citar este artigo / To reference this article

Ramírez M. (2023) ENTREVISTA: LA VIDA EN EL PLANETA,
LAS DEMOCRACIAS Y LOS LAZOS SOCIALES EN CUESTIÓN.
EL PSICOANÁLISIS ANTE LA CRISIS CIVILIZATORIA.

Intercambio Psicoanalítico 14 (1), DOI: doi.org/10.60139/InterPsic/14.1.9/
Creative Commons Reconocimiento 4.0 Internacional (CC By 4.0)

ENTREVISTA¹: A VIDA NO PLANETA, AS DEMOCRACIAS E OS VÍNCULOS SOCIAIS EM QUESTÃO. A PSICANÁLISE PERANTE A CRISE DA CIVILIZAÇÃO.

1 Traducción al portugués de Sthefani Techera.

Marcela Ramírez²

2 Engenheira Comercial, psicóloga, psicanalista de grupo com perspectiva de gênero, membro titular da Sociedade Chilena de Psicanálise - Ichpa, presidente da Federação FLAPPSIP. Ex presidente da Sociedade Chilena de Psicanálise. Mestre em Psicologia Clínica, menção em psicanálise, professora mestre UAI-Ichpa.

A Entrevista

No lançamento desta edição de *Intercambio Psicoanalítico*, FLAPPSIP está dedicada à preparação do seu XII Congresso. Com o título: *Psicanálise: bordas e desbordamentos. Transformações em tempos de desmesura*, o Congresso será realizado em Santiago do Chile dos dias 13 a 15 de outubro de 2023.

A ocasião é propícia para oferecer aos nossos leitores um olhar sobre as expectativas que suscita e sobre o trabalho de preparação, tanto em nível dos conteúdos programados quanto da participação esperada. Para isso, o Comitê Editorial propôs um diálogo com Marcela Ramírez, atual Presidente do Conselho Diretivo da FLAPPSIP e simultaneamente Presidente do Comitê Executivo do XII Congresso.

Intercambio Psicoanalítico: É evidente que a história da FLAPPSIP é marcada pela realização de seus congressos bianuais, que conseguiram despertar grandes expectativas por gerar um intercâmbio científico descentralizado da clássica hegemonia vertical norte-sul e também pelo estreitamento de laços entre pessoas e associações a que deram origem. Vale a pena se questionar se atualmente eles mantêm essa relevância, ou se seu significado mudou de alguma forma. Em concreto: Que importância você atribui a este próximo Congresso para o futuro desenvolvimento da FLAPPSIP?

Marcela Ramírez: Os nossos congressos bianuais são a materialização daquilo que nos define enquanto Federação, isto é, o intercâmbio teórico-clínico entre as instituições membros. Neste contexto, o XII Congresso é a continuação do caminho já traçado, porém agora, inserido num mundo pós-pandemia que nunca mais será o mesmo, em muitos aspetos que ainda não conseguimos mensurar. Assim, o X Congresso e todos os anteriores foram presenciais como “sempre”. Já em 2021, dadas as condições existentes, o que permitiu a realização do XI Congresso foi o caráter telemático. No momento pós-pandemia em que começamos a organizar o XII Congresso Flappsip, com o objetivo de promover a maior participação possível, as condições sanitárias ainda eram instáveis, o que, somado às dificuldades econômicas de alguns dos países membros, nos levou a optar pela modalidade híbrida. Em termos de intenções de trabalho recebidas, tivemos um recebimento interessante tanto para participar com trabalho presencial quanto à distância. Dependendo da acolhida que esta nova modalidade de participação tiver, penso que é possível que defina os futuros congressos.

O congresso é também um momento de encontro entre os delegados e nesta ocasião, valorizamos ainda mais as atividades presenciais, pois acreditamos que favorecem o conhecimento interpessoal entre os delegados das associações e nos permite compartilhar não só as nossas teorias, mas também atividades sociais, comer, dançar e rir juntos, fortalecendo laços e afetos.

Intercambio Psicoanalítico: Após a pandemia, embora os recursos de conexão remota já existiam há muito tempo, seu uso parece ter se tornado muito mais difundido. Parte disso se reflete na modalidade híbrida escolhida para este Congresso. Para quem organizou e desenhou o congresso, que possibilidades e limitações ou desafios surgem ao pensar em um encontro misto?

Marcela Ramírez: Como comentei anteriormente, é isso o que diferencia este congresso dos anteriores e esta modalidade híbrida foi escolhida no entendimento de que promoveria uma maior participação, situação que só poderá ser avaliada uma vez realizado o congresso. Em termos de organização, representa um grande desafio tanto pela sua novidade, no sentido de não haver experiência prévia nas equipes, quanto pelos recursos técnicos e organizacionais necessários. Por outro lado, esta modalidade híbrida abre a possibilidade de receber convidados estrangeiros como Bifo Berardi e participantes de outras latitudes que não podem viajar, o que consideramos uma contribuição interessante para o intercâmbio latino-americano.

Intercambio Psicoanalítico: O que você pode nos dizer sobre os convidados especiais? Que aspectos de suas carreiras e contribuições científicas foram levados em consideração para gerenciar sua participação neste encontro?

Marcela Ramírez: Definir o tema sobre o qual queríamos convocar a comunidade Flappsip para refletir ocupou muito espaço em nossas reuniões do Conselho Diretivo, que tem membros da Argentina, Chile e Peru. Tínhamos o intuito de encontrar pontos comuns sobre as questões que nos preocupavam, levantando invariavelmente a questão de como a vida no planeta, as democracias e os laços sociais estão ameaçados face ao que muitos já chamaram de **crise da civilização**. Como psicanalistas situados em um determinado contexto social, nos vemos interpelados e mobilizados pelas crises e situações pelas quais estamos passando. As bordas são ultrapassadas e questionadas. Aparecem os desbordamentos, que podem ser vitais ou letais. Precisamos repensar nossas teorias e práticas a partir da pergunta: como se constrói a subjetividade em tempos de incerteza e imprevisibilidade? Daí então surge o tema do congresso e é a partir desse tema que nos pareceu que nossos convidados, todos com trajetórias relevantes, têm reflexões também relevantes para compartilhar com a nossa comunidade psicanalítica latino-americana. Assim, Marcelo Viñar, psicanalista uruguaio que dedicou grande parte de sua vida a trabalhar a questão da memória e da violência, contribuirá com suas reflexões sobre grupalidade e conflito intergeracional com um olhar crítico sobre o efeito da realidade na subjetividade dos jovens. Por outro lado, Alicia Stolkiner, psicóloga argentina, trata o tema da incerteza e dos laços sociais em sua palestra *Sobre incertezas e descentramento, amar o próximo ou ser hospitaleiro com o outro?* E Bifo Berardi, filósofo italiano de pensamento provocador, enfatiza o envelhecimento das sociedades e suas consequências em sua palestra *Senectud mundis. Declínio da civilização branca e agressividade: a guerra inter-branca da Ucrânia e a onda de massacres suicidas*.

Intercambio Psicoanalítico: Os eixos temáticos escolhidos são fortemente marcados por problemas socioculturais, com ênfase no regional e no impacto que produzem na subjetividade da época. Esse quadro conceitual leva a diferentes abordagens, assumindo que não haveria uma única psicanálise. O que você pode nos dizer sobre a contribuição que as psicanálises existentes em FLAPPSIP e seus praticantes podem trazer para esses debates, marcados pela urgência, considerando a diversidade de olhares e escutas psicanalíticas que nos caracterizam?

Marcela Ramírez: De fato, não há **uma única** psicanálise porque há várias abordagens teóricas com ênfase em diferentes aspectos, mas também porque é necessário repensar certas concepções teóricas que perderam validade e consistência por terem sido baseadas em questões de época. O tema do congresso, enfatizando nossos conflitos regionais e nossas diferenças, busca promover o intercâmbio dessas diferentes perspectivas psicanalíticas. Fazemos eco ao pensamento de Pichón Rivière de que é precisamente a heterogeneidade do grupo que permite uma melhor abordagem das tarefas e enriquece o pensamento.

Intercambio Psicoanalítico: Historicamente, FLAPSSIP tem sido muito respeitosa das identidades das diferentes Associações que a compõem e da relação que cada uma delas tem com o seu meio. Mas também tentou propor linhas de trabalho que interpelem o todo, refletindo a ligação entre o sofrimento do sujeito, expresso nos seus sintomas, e o mal-estar na cultura^[1]. Essa conexão adquire em nossas latitudes um forte cunho de exclusão social, fator que parece distanciar o acesso à psicoterapia psicanalítica justamente para aqueles que sofrem os efeitos mais dramáticos da desigualdade e do abuso. O segundo eixo temático, "A psicanálise nas bordas. No que tange à clínica", parece apontar ao debate dessa dificuldade. Este problema não é novo e na história da psicanálise encontramos diferentes abordagens: as clínicas públicas que foram propostas por Freud no período entre guerras do século passado, bem como os grupos psicanalíticos, que seguindo o modelo nascido após a Segunda Guerra Mundial conseguiram demonstrar a sua eficácia terapêutica, incluindo também nesta lista os Grupos Operacionais e toda a experiência do movimento da análise institucional... Considerando este contexto, queremos perguntar o seguinte: Que possibilidades atuais podemos observar na América Latina para chegar àquelas populações em que o modelo de clínica privada não oferece respostas? E também: Que mudanças nos atuais paradigmas de formação do psicanalista são necessárias para um alcance coletivo significativo da psicanálise?

Marcela Ramírez: Como bem fora colocado na pergunta, Flappsip valoriza muito o respeito às diferenças institucionais e, embora nas reflexões realizadas durante o congresso possam surgir ideias e propostas quanto à mudança de paradigmas na formação dos psicanalistas, não corresponde aos diretivos indicar diretrizes nesse sentido. Como Federação nos reconhecemos questionados e envolvidos na realidade social da qual fazemos parte, mas em cada um dos países nossas associações enfrentam diferentes realidades, desafios e demandas em relação às possibilidades de chegar às populações excluídas com nossa

clínica psicanalítica. Enquanto na Argentina a psicanálise ocupa um lugar importante na saúde pública, no Chile ainda estamos longe disso. Acho que justamente uma contribuição deste congresso é poder conhecer trabalhos e novas reflexões sobre esses problemas e nos enriquecer mutuamente com as formas e modalidades em que a psicanálise é praticada em outros países e outras realidades. É importante acrescentar que essas instâncias de troca também têm o potencial de abordar novos temas e nos convidar a pensar sobre questões que não havíamos considerado até então, como, por exemplo, a inteligência artificial, que pode fornecer ideias e formas inovadoras de resolver problemas. Como afirma claramente a declaração de princípios da Federação, “é através do aperfeiçoamento das suas ferramentas técnicas e teóricas que será atingido o enriquecimento que permite a esta Federação dar as respostas mais adequadas às necessidades das suas sociedades, com a diversidade que cada momento e espaço definam”.

Intercambio Psicoanalítico: Por fim, comente um pouco sobre suas expectativas pessoais para este XII Congresso, em que medida você acha que reflete a trajetória institucional desses 25 anos de FLAPPSIP e como você gostaria que este evento marcasse o futuro da federação.

Marcela Ramírez: Chegamos a estes 25 anos constituídos por 10 instituições, algumas das quais fazem parte desde o início, outras desapareceram pelo caminho e outras novas juntaram-se a este desafio que, novamente citando a declaração de princípios: “é uma forma de integração de seus membros latino-americanos, fortalecendo raízes comuns e projetando-se para o futuro”. Temos percorrido este caminho de integração caracterizado pela aceitação das nossas diferenças, o que não é tão habitual nos dias de hoje, para organizarmos agora um congresso híbrido ao qual temos convocado para pensarmos juntos sobre questões atuais de grande importância. Esperamos compatibilizar a troca de ideias com a alegria do encontro com os que estarão presentes e com um caloroso acolhimento aos que possam participar à distância. Penso que na trajetória de Flapsip fica em evidência que somos uma Federação flexível e capaz de se adaptar às mudanças, aspecto chave para sua continuidade neste mundo de incertezas.

Pessoalmente, valorizo profundamente o valor da reflexão conjunta e, perante o surgimento de posições extremas e polarizadas que colocam em risco as conquistas sociais, hoje mais do que nunca, resgato um dos valores fundamentais da democracia, isto é, o debate público da ideias que nos permitem pensar com os outros e encontrar caminhos que todos possamos percorrer.

^[1] Conceitos extraídos da definição institucional, de acordo com o site da FLAPPSIP.